

A PANTOMIMA

RUBEM BRAGA

FIZ, há tempos, uma breve incursão pela reportagem política, depois de longa ausência. Confesso que não tive ânimo de topar muito tempo esse serviço, embora seja possível que volte a ele, por necessidade. É um gênero de trabalho que só se pode fazer com alguma eficiência quando a gente se dedica a ele continuamente, todos os dias e quase todas as horas. O repórte precisa viver a vida dos políticos, andar no meio deles, embeber-se de suas idéias, seus planos, suas indecisões, birras e veleidades, acostumar-se à sua linguagem e seu ambiente.

Embora entre os políticos de, praticamente, todos os partidos, haja pessoas pelas quais eu sinto amizade e admiração, confesso que me senti meio desoiado com a experiência. Tive muitas vezes a impressão contristadora de estar trabalhando no vácuo, de estar levando a sério muitas coisas que na verdade não têm a menor importância.

Imagino perfeitamente como deve se sentir um colega qualquer da crônica política — e hoje temos vários e brilhantes — ao reler alguma coisa de três ou quatro meses atrás. Quanto esforço perdido em tirar deduções de tolices, em descobrir intenções em palpites vãos, em dar sentido a movimentos e fórmulas horrivelmente vazios.

Em relação a certos políticos é evidente que nossos cronistas chegam a ser excessivamente otimistas, descobrindo-lhes "pensamentos" ou "pontos de vista doutrinários" que afinal mais parecem inventados pelos próprios jornalistas. Alguns desses cavalheiros

devem passar seus sustos quando tomam conhecimento dos próprios pensamentos ou ficam informados das próprias tendências...

Ainda que frequentemente contando com homens de inteligência superior, nossa vida política é, em seu jôgo diário, de um nível mental espantosamente mediocre. Mental... e moral. Há uma cansativa tristeza, um tédio infinito nesse joguinho miúdo de combinação através dos quais se resolve o destino da Pátria. Terá sido sempre assim ou foi o longo governo do sr. Getúlio Vargas, essa enorme Ditadura da Mediocridade, que nos fez mal? Houve uma tal inflação de sub-estadistas de bitola estreita a imitar as manhas e vaidades do esperto e insignificante político de São Borja que parece ter havido uma barafunda perdurável de valores e falsos valores. Esse deserto de convicções, que era uma projeção da alminha, ambiciosa e frívola do Ditador, homem incapaz de sentir uma idéia ou de pensar um sentimento mais profundamente, está hoje povoado de uma fauna assustada, insequente, feroz e tola, que se perde em mexericos e cavações. Só de raro em raro sentimos um gesto mais livre, um ataque de sinceridade — uma voz mais pura e mais alta — que na acústica pervertida do ambiente chega a soar falso...

Tenho pensado às vezes na paciência enorme que precisam ter aqueles que, metidos nesse bru-a-á monótono, lidando com tanta mediocridade ambiciosa e fátua, lutam por uma idéia, preservam uma consciência. O sr. José Américo andou ameaçando dar um grito, e chegou mesmo a falar um pouco alto. Como a coisa vai indo, um grito não bastará mais para paralisar essa pantomima de sonâmbulos e inconscientes. Será preciso um berro forte, uma explosão de todas as consciências oprimidas e exaustas para despertar o Brasil.

24.7.49

196